

Fed aumenta juro nos EUA em 0,75 ponto e sinaliza nova alta

Política monetária Fed sinaliza novas altas; inflação elevada preocupa

BC dos EUA sobe os juros em 0,75 ponto

Eduardo Magossi e
André Mizutani
De São Paulo

O Federal Reserve (Fed) elevou ontem novamente a taxa de juros americana em 0,75 ponto percentual, para o intervalo entre 2,25% e 2,50%, em uma tentativa de combater a escalada da inflação, que encontra-se em seu patamar mais elevado em 40 anos.

No comunicado da decisão, o Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc) reafirmou seu forte compromisso em reduzir a inflação à sua meta de 2%, avaliando que os indicadores recentes de gastos e produção enfraqueceram, mas que, "apesar disso, os ganhos do mercado de trabalho foram robustos nos últimos meses, e a taxa de desemprego permaneceu baixa, o que reforça o sentimento de que novas altas serão necessárias".

Apesar da alta agressiva dos juros, comentários feitos pelo presidente do banco central americano, Jerome Powell, durante a entrevista após a decisão, agradaram o mercado. Powell disse que uma redução do ritmo de altas de juros do BC americano provavelmente será necessária "em algum momento", sem excluir a possibilidade de mais uma movimentação de 0,75 ponto percentual em setembro. Tudo depende dos dados econômicos que serão divulgados até lá, embora o presidente do Fed tenha reiterado que a meta é levar o juro para o terreno "levemente restritivo", para um patamar entre 3% e 3,5% anuais.

Se em discursos anteriores Powell pareceu determinado e focado em combater a inflação, ontem ele abriu uma porta para falar que o Fed acha que alguns indicadores de criação de vagas estão caindo e a demanda está ficando mais moderada, "mas ainda não sabemos o quanto". Segundo Powell, os membros do Fomc não hesitariam em elevar os juros em 1 ponto percentual na reunião, mas que os dados não justificavam uma aceleração da alta dos juros.

"Quando o Fed eleva os juros em 0,75 ponto e a decisão é vista como tranquila, revela o quão longe já chegamos neste ciclo de

aperto em pouco tempo", disse o estrategista de macro do banco Lombard Odier, Bill Papadakis. O economista notou que mais atenção foi dada à linguagem usada em relação à recente desaceleração do crescimento econômico. "As mudanças sutis na declaração do Fomc, bem como os comentários feitos pelo presidente Powell na coletiva de imprensa, reforçam nossa expectativa de que até setembro o Fed estará elevando as taxas em um ritmo menos agressivo", disse ele, que espera uma alta de 0,50 ponto na próxima reunião, em setembro.

Para o economista de EUA do Itaú BBA, Bernardo Dutra, Powell acenou com uma desaceleração no ritmo das altas. "Embora continue mostrando que a inflação é importante, Powell mostrou-se mais cauteloso em relação à atividade econômica, o que deu um tom mais 'dovish' [inclinado ao afrouxamento] à coletiva", disse.

Dutra lembrou que embora parte do mercado já esteja precificando uma alta de 0,50 ponto em setembro e duas de 0,25 ponto em novembro e dezembro, o combate à inflação pode precisar de doses maiores de juros. "Estimamos três altas de 0,50 ponto em setembro, novembro e dezembro e outra alta de 0,25 ponto em 2023, chegando a um juro terminal de 4,25%, acima dos cerca de 4% estimados pelo Fed".

"Powell foi menos assertivo do que sua última aparição em Sintra e na coletiva de junho, quando mostrou-se mais determinado em falar do combate à inflação. Ele indicou que a partir da reunião de setembro a atividade econômica e mercado de trabalho vão ganhar maior peso", afirma Diogo Saraiva, economista e sócio da gestora BlueLine. Porém, segundo ele, o presidente do Fed entregou pontos importantes que reitera sua postura mais "hawkish" (inclinado ao aperto), que o mercado ontem não percebeu, como o fato de que o juro vai entrar em território restritivo e que uma alta de 0,75 ponto em setembro não está descartada. Saraiva projeta alta de 0,75 ponto em setembro, uma de 0,50 ponto em novembro e 0,25



Powell: redução do ritmo de altas de juros do BC americano provavelmente será necessária "em algum momento"

ponto percentual em dezembro e em duas reuniões de 2023, levando o juro terminal para 4,5%.

Angelo Polydoro, economista da Asa Investment, afirma que no fim da tarde de ontem o mercado já precificava uma alta de 1 ponto percentual até o fim do ano, levando o juro para em torno de 3,5%, o que implica em uma possível alta de 0,50 ponto em setembro e duas de 0,25 ponto em novembro e dezembro. Porém, Polydoro lembra que Powell usou uma projeção de juro para dezembro, de 3,5%, divulgada em junho pelo Fomc, antes de a inflação de junho, o CPI, ter atingido o recorde de 9,1%, e este número levou o mercado a um rali. "Porém, em setembro teremos uma nova projeção do Fomc e esses números podem ser revisados", disse ele, que projeta alta de 0,75 ponto em setembro e um juro final de 4,25%. "A inflação vai continuar persistente", acredita.

Para Fernando Fenólio, economista-chefe da WHG, o que surpreendeu foi o grau de reavaliação sobre a economia que o Fed indicou. "O tom mudou em duas semanas, de um forte combate à inflação que levou o mercado até precificar alta de 1 ponto nesta reunião, para um temor de desaceleração. Talvez tenha uma tela de proteção surgindo", disse.

Francisco Nobre, economista da XP, ressalta que os próximos indicadores serão essenciais para a continuidade ou não do aperto monetário. Para ele, o PIB do segundo trimestre, que será divulgado hoje, já vai mostrar uma recessão técnica nos EUA.

"Ao ser questionado sobre a possibilidade de corte de juros em 2023, Powell não negou, o que impulsionou as bolsas", afirma Arthur Mota, economista do BTG Pactual. Além disso, segundo ele, Powell não trouxe novas incertezas para o mercado, o que é positivo. Ele estima uma taxa de fim de ciclo de 4%.

Fundos atraem empresas em busca de ganhos com a alta das taxas

Nina Trentmann
Dow Jones Newswires

Com a alta das taxas de juros nos Estados Unidos, os fundos de curto prazo estão mais rápidos em se ajustar do que as contas bancárias. Isso oferece às empresas um estímulo para transferir o dinheiro em caixa para esses fundos, em busca de retornos mais altos.

As empresas acumularam níveis recordes de caixa durante a pandemia e deixaram grandes volumes em contas bancárias, que normalmente geraram pouco ou nenhum retorno. As baixas taxas de juros permitiam concluir que não havia motivo para trocar para fundos de curto prazo, uma forma de fundo mútuo que investe em dívidas mobiliárias de curto prazo, entre as quais letras do Tesouro (com vencimento em até um ano) e "commercial papers" (papéis emitidos por empresas não financeiras com vencimento em 270 dias ou menos).

Mas esse procedimento está mudando, num momento em que o Federal Reserve (Fed, o BC dos EUA) aumenta agressivamente as taxas de juros para combater a inflação elevada. Ontem o BC americano elevou os juros novamente, em 0,75 ponto percentual, indo a uma faixa entre 2,25% a 2,50% anuais.

Em meio ao ciclo de aumento dos juros, os rendimentos dos fundos de curto prazo dobraram em junho, para uma média de 1,23%, e subiram ainda mais, para uma média semanal de 1,36%, segundo a Crane Data. Os bancos, no entanto, têm sido lentos em elevar os rendimentos que oferecem, por ainda deter grandes volumes de dinheiro e não estar procurando atrair mais.

"É cada vez mais difícil para as empresas permanecerem em contas bancárias quando há qua-

se substitutos atraentes disponíveis", disse Mark Cabana, diretor da divisão de estratégia para taxas de juros do Bank of America.

Os ativos dos fundos de empréstimos de curto prazo aumentaram nas últimas semanas após terem caído no começo do ano, quando as empresas retiraram dinheiro para pagar a Receita Federal americana e quitar outros débitos. Até segunda-feira, havia US\$ 5,018 trilhões em fundos de curto prazo, acréscimo de US\$ 30 bilhões em comparação com o fim de junho e de US\$ 58,3 bilhões em relação a 31 de maio, disse a Crane Data.

Entre as empresas que procuram se beneficiar de maiores rendimentos no mercado de empréstimos de curto prazo está a de tecnologia Hewlett Packard Enterprise (HPE). "Com a elevação das taxas, aumentam as oportunidades", disse Kirt Karros, seu vice-presidente-sênior financeiro e tesoureiro. "Cada dólar faz diferença. Vamos sistematicamente mudar o dinheiro [de aplicação] toda vez que pudermos extrair retornos adicionais."

A HPE tende a restringir a duração de seus investimentos em fundos de empréstimos de curto prazo a 90 dias ou menos, disse Karros. "Esses produtos tendem a ser muito competitivos", afirmou, acrescentando que a empresa movimentou seu dinheiro diariamente, quando necessário. "Pomos esse dinheiro para trabalhar."

Os fundos de curto prazo normalmente não repassam as variações dos juros de imediato, o que pode dar uma vantagem às empresas, no caso de o Fed passar a reduzir as taxas no ano que vem, como preveem analistas. Se as taxas de juros caírem, haverá uma diferença de tempo até os rendimentos diminuírem, disse Vanessa Hubbard McMichael, diretora do grupo de estratégia CPE, do Wells Fargo Securities.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Página:** 1